

Nenhuma conciliação com os capitalistas e seus governos!

Por um 1º de maio para organizar, unificar e centralizar a luta pelas reivindicações que respondem ao agravamento da miséria, do desemprego, da destruição de direitos, do entreguismo, e de toda forma de opressão

A que ponto chegamos?

As massas oprimidas chegam a este 1º de maio de 2023 suportando uma gigantesca carga de opressão. Nos últimos anos, os salários tiveram seu poder de compra corroído pela alta dos preços (inflação). O salário mínimo é de fome, com Lula/Alckmin, como era com Bolsonaro. Os empregos com carteira assinada foram reduzidos em todos os setores da economia. A precarização do trabalho se expandiu como nunca, metade dos assalariados está sob formas de exploração do trabalho sem regulamentação, sem direitos, com salários ultrarrebaixados e condições de trabalho extenuantes e até mesmo perigosas à saúde. O investimento público desabou, eliminando potenciais milhões de postos de trabalho. O preço dos aluguéis disparou, tornando impossível morar sob um teto, para milhares de famílias. Não existe disposição dos governos em resolver o problema da falta de moradia popular. Os milhões de sem-terra continuam à míngua nas beiras das estradas, e nada de acesso às terras, produtivas ou improdutivas. Se ocupam terras largadas e usadas somente para especulação, logo vem a ordem judicial, a polícia e o bando de fazendeiros armados para expulsá-los. O funcionalismo público amarga congelamentos salariais e piora das condições de trabalho, enquanto os membros do alto escalão ganham fortunas. A população das periferias das cidades é esmagada e assassinada pela repressão policial. Ou sofre com as guerras de quadrilhas vinculadas à burguesia marginal, que manda no narcotráfico e contrabando. A juventude não tem perspectivas, pois a escola está falindo e não existe emprego para que possa trabalhar. Menos ainda lazer, que quando existe ainda sofre a repressão policial. As mulheres são vítimas de cada vez mais violência e discriminação, apesar das leis de proteção. Os negros sofrem com o racismo permanentemente, seja no trabalho, nas ruas ou onde moram. São os que ganham menos, têm menos acesso a tudo, são os mais assassinados, e os que morrem mais cedo. A violência contra qualquer variação sexual que não seja a admitida formalmente pelo reacionarismo da classe dominante é escancarada, e age sem qualquer restrição. Os idosos veem seus direitos serem cada vez mais atacados, exigindo-se deles cada vez mais anos de trabalho e cada vez maior distância da justa aposentadoria. O sistema de saúde cada vez mais sucateado e privatizado não é capaz de preservar a vida das massas, como se escancarou durante a pandemia. O elitismo e o privatismo avançam no interior das universidades, precarizando o ensino e a permanência estudantis, e liquidando com a pesquisa.

Quem se beneficia e mantém a miséria?

Enquanto isso, o capital financeiro é protegido de todas as formas. Mesmo diante da crise econômica mundial, iniciada em 2008 e até hoje não superada, com seus momentos de maior agravamento ou não, os rendimentos dos parasitas da dívida pública são preservados. O capital financeiro continua realizando lucros, de várias formas, apesar do empobrecimento geral das massas assalariadas. Com governos reformistas, de direita, ou de extrema direita, todos os governos burgueses agem para

fazer com que os capitalistas mantenham seus lucros, mesmo com a economia retrocedendo. As medidas governamentais atacam as condições de vida, de trabalho e de direitos das massas, tudo para beneficiar a burguesia, de dentro e de fora do país. A crise do capitalismo em decomposição é despejada sobre as massas.

O proletariado está lutando no mundo. Nossa luta é internacional!

Também acontece o mesmo, com suas particularidades, no mundo todo. A guerra da OTAN contra a Rússia, na Ucrânia, reflete no mundo todo com aumento de preços generalizado. Os países da OTAN, com os Estados Unidos à frente, buscam destruir as conquistas da revolução proletária na Rússia e na China, que são as economias estatais sob controle dos Estados Operários, ainda que degenerados pelas burocracias estalinistas ditatoriais e venais. Para isso, gastam bilhões em armamentos, reunindo a maior aliança militar já existente, enquanto impõem medidas de cortes de gastos com a aposentadoria e rebaixam os salários. As lutas das massas na França e na Alemanha apontam para o choque com a política de guerra dos seus governos. As bandeiras de “Nenhum centavo mais para a guerra da OTAN contra a Rússia”, “desfiliação do país da OTAN e sua dissolução”, “derrota militar da OTAN” são concretas para as massas que se levantam por suas reivindicações próprias. São bandeiras que expressam a unidade internacionalista do proletariado de todos os países contra a burguesia mundial. Não apoiamos os métodos burocrático-militares da Rússia e da China, nem seus governos ditatoriais burocráticos. Mas estamos ao lado desses países contra a burguesia mundial, o imperialismo. Qualquer vitória do imperialismo em qualquer parte favorecerá a opressão nacional no mundo todo. Sua derrota o enfraquece mundialmente. Aqui, nossas lutas em defesa dos salários, dos empregos, dos direitos, e contra as privatizações e entreguismo ajudam a combater a base econômica do imperialismo, que é o capital financeiro internacional.

O que segura as massas para enfrentar os exploradores e seus governos com a mobilização?

O maior entrave para que defendamos as reivindicações com a luta de classes é a política de conciliação de classes das direções políticas. A grande maioria delas, hoje, está apoiando o governo Lula/Alckmin, o que faz com que os dirigentes das organizações das massas não deixem que as mobilizações progridam e se choquem com as políticas burguesas, e com o próprio governo. Não há como o governo atender às reivindicações das massas, porque é um governo da burguesia, e a serviço do capital financeiro internacional. Diante da decomposição e crise mundial capitalistas, o governo burguês tem de proteger a burguesia, e assim tem de atacar as condições de vida e de trabalho das massas. A situação é a seguinte: ou se defendem as reivindicações, o que leva ao choque com o governo Lula/Alckmin e os capitalistas; ou se defende o governo e os capitalistas, e não as reivindicações.

O que defendemos?

Por isso, é fundamental a defesa da real independência de classe nos movimentos e organizações. O que leva necessariamente ao combate às medidas governamentais, e ao próprio governo. Assim como aos governos estaduais e municipais. E aos capitalistas, em seu conjunto.

Por isso, nossa defesa da unidade das massas neste 1º de Maio é da unidade ao redor das reivindicações, dos métodos da luta de classes, da real independência de classe e da luta

Por um 1º de Maio Internacionalista e Proletário! Com real independência de classe! De defesa das reivindicações com os métodos da luta de classes! De combate aos governos burgueses e à burguesia de dentro e de fora do país! De defesa das conquistas revolucionárias do proletariado mundial, contra a guerra promovida pelos países imperialistas e a OTAN! Pela unidade mundial proletária, todo apoio às lutas dos operários e demais trabalhadores na Europa e no resto do mundo! Pela derrota militar da OTAN na Ucrânia! Oposição revolucionária ao governo Lula/Alckmin! Erguer a luta de classes em defesa das reivindicações gerais e específicas das massas! Unificá-las sobre a base de uma plataforma unitária de reivindicações comuns! Construir o partido proletário revolucionário internacionalista, que ajude as massas a caminharem para a destruição revolucionária do capitalismo e construção do socialismo!

Em defesa da vida e trabalho das massas no Dia Primeiro de Maio!

Uma tarefa central que deveria ser amplamente respondida e organizada nos atos de 1º de Maio é a luta por aumentar o salário-mínimo dos trabalhadores. Para isso, todas as Centrais e sindicatos deveriam defender o que é necessário para que um trabalhador e sua família pudessem se sustentar. Há já um cálculo, feito anualmente pelo DIEESE, que estabelece este valor mínimo para uma família de 4 pessoas. Atualmente, está em R\$ 6.571,30. Como se vê, é quase cinco vezes mais que o salário mínimo de fome de R\$ 1.320,00, que passa a valer no 1º de Maio, e obriga dezenas de milhões de trabalhadores e aposentados a viver muitíssimo mal.

Para a desgraça da classe operária e dos trabalhadores, as direções sindicais não defendem nem mesmo o salário-mínimo do DIEESE (apesar de ser um órgão sustentado pelos sindicatos), e fazem jogo de cena com os governos e os patrões, na hora de defender o valor do salário. Assim, a CUT (dirigida pelo PT) defendeu um vergonhoso salário-mínimo de R\$ 1.382,71. A CTB (dirigida pelo PCdoB) defendeu um salário de R\$ 1.343,00. Dois valores rebaixados, que mantêm a miséria da maioria nacional. No entanto, apesar de o governo Lula ignorar completamente as reivindicações salariais das Centrais, mantendo um valor mais baixo, todas as Centrais festejaram a existência de uma Mesa de Negociação Salarial Permanente, instalada pelo governo em janeiro deste ano. Mas, para que serve uma "mesa de negociação", se não negocia nada? Para que serve uma reivindicação, se não atende os interesses dos trabalhadores e dos explorados do país? Governo e direções políticas das Centrais e sindicatos enganam os trabalhadores com a chamada política de "valorização do mínimo".

A classe operária tem sua reivindicação própria: o **Salário-Mínimo Vital, calculado pelas assembleias dos trabalhadores** e cujo valor é imposto pela luta, pela mobilização, pelas greves, aos patrões e aos governos. O valor do DIEESE pode ser tomado como referência para o Salário-Mínimo Vital, que deve ser combinado com a luta por reajuste automático dos salários, sempre que há aumento inflacionário, cujo índice deve ser calculado pelas organizações dos explorados. Todas as mercadorias, sejam as dos supermercados, seja os automóveis ou imóveis, aumentam seus preços, o salário dos trabalhadores deve acompanhar esses aumentos, pois, é a única fonte de renda que temos para sobreviver. A luta em torno do Salário é a luta em defesa das dezenas de milhões de trabalhadores que compõem a maioria nacional. É nosso dever empunhar alto a defesa do Salário Mínimo Vital e da Escala móvel de reajuste, para fazer frente à exploração do trabalho e às altas inflacionárias.

internacionalista do proletariado contra o imperialismo, que é a burguesia mundial. É preciso construir a frente única antiimperialista, sob a direção e o programa do proletariado, para combater a burguesia nacional e internacional. Contra a conciliação de classes, promovida pelas direções, que desviam as massas e suas reivindicações para o campo das instituições da burguesia, o parlamento e a justiça burguesa, assim como para as negociações que acontecem no campo da destruição dos salários, dos empregos e dos direitos.

AS MONTADORAS ANUNCIAM FÉRIAS COLETIVAS

Levantar imediatamente um movimento em defesa dos empregos!

Nos últimos 30 dias as principais montadoras do país (GM, Volks, Mercedes, FIAT, etc.) anunciam que devido às quedas nas vendas e aos pátios estarem lotados colocaram em férias coletivas mais de sete mil metalúrgicos. A experiência dos últimos anos mostra que após as férias coletivas e *layoffs* as montadoras demitem parte dos operários. A situação é alarmante!

As direções sindicais burocratizadas aceitam a imposição das férias coletivas e os acordos de redução de jornadas com redução de salários e diminuição dos direitos trabalhistas. Estes acordos não evitam as demissões, como é anunciado, pelo contrário, são na verdade uma preparação para as mesmas. Os operários, por sua vez, não podem aceitar de forma alguma as demissões, já que dependem do emprego e do salário para a sua sobrevivência.

É preciso organizar as assembleias metalúrgicas para levantar um movimento nacional em defesa dos empregos! Não aceitar nenhuma demissão! Pela defesa da redução de jornada sem redução de salário. Defender o plano próprio operário contra as montadoras e governos burgueses por meio dos métodos da ação direta!

A classe operária europeia mostra o caminho

Na Alemanha, aconteceu a maior greve dos transportes dos últimos 30 anos. Na Inglaterra, os operários, trabalhadores e o funcionalismo realizaram greves nos últimos meses. Na França, a classe operária e os assalariados estão lutando contra a Reforma da Previdência. As massas se revoltaram com a paralisação de suas direções, e impuseram a luta com sua força coletiva. Aplicam os mesmos métodos de luta, e levantam as mesmas reivindicações: aumento salarial! Fim das contrarreformas! Basta de precarização!

No Brasil, sofremos ataques semelhantes e da paralisação das direções, atreladas aos governos e o patronato. Sem convocar assembleias de base democráticas e unitárias, enfiam goela abaixo da base as migalhas que o patronato decide dar, ao invés de confiar em nossa força coletiva para impor o que realmente necessitamos. Quem ganha com isso são os patrões e os governos, enquanto, o aumento da miséria, a terceirização, o desemprego e a destruição de direitos recaem sobre nós.

Os capitalistas se unem em uma só força, para aplicar os mesmos ataques por toda parte. A classe operária deve enfrentá-los também como uma só força, como mostram os trabalhadores na França. Lutemos por assembleias de base democráticas e unitárias para votar o programa e os métodos de luta, para acabar com a miséria, a precarização e o desemprego! Por uma greve geral em defesa das reivindicações mais sentidas, contra o governo e os patrões.